

*Plutarco, entre dioses y astros.
Homenaje al profesor Aurelio Pérez Jiménez
de sus discípulos, colegas y amigos*

VOL. I

J. F. MARTOS MONTIEL, C. MACÍAS VILLALOBOS &
R. CABALLERO SÁNCHEZ (eds.)
Con la colaboración de Carlos Alcalde Martín, Marta González
González y Jorge Bergua Cavero

*Plutarco, entre dioses y astros.
Homenaje al profesor Aurelio Pérez Jiménez
de sus discípulos, colegas y amigos*

VOL. I

Libros Pórtico
Zaragoza

2019

Plutarco, entre dioses y astros. Homenaje al profesor Aurelio Pérez Jiménez de sus discípulos, colegas y amigos / J. F. Martos Montiel, C. Macías Villalobos & R. Caballero Sánchez (eds.), con la colaboración de Carlos Alcalde Martín, Marta González González y Jorge Bergua Cavero. Libros Pórtico, Zaragoza, 2019.

2 vols.; 1434 pp.; 17 x 24 cms.

I.S.B.N.: 978-84-7956-191-8 (Obra completa)

I.S.B.N.: 978-84-7956-189-5 (Volumen I)

1. Plutarco, literatura y tradición. 2. Mitos, ritos y religión. 3. Magia, astrología y adivinación. ed. I. Martos Montiel, J. F.; ed. II. Macías Villalobos, C.; ed. III. Caballero Sánchez, R.

© LOS AUTORES

De esta edición LIBROS PÓRTICO

Edita: Libros Pórtico

Distribuye: Pórtico Librerías, S.L.

Muñoz Seca, 6 - 50005 Zaragoza (España)

distrib@porticolibrerias.es

www.porticolibrerias.es

Reservados todos los derechos. Queda rigurosamente prohibida, sin la autorización escrita de los titulares del *copyright*, bajo sanciones establecidas en la legislación vigente, la reproducción total o parcial de esta obra por cualquier medio o procedimiento.

Diseño de la cubierta: Sebastián García Garrido (Departamento de Arte & Arquitectura, Universidad de Málaga).

Motivo central de la contraportada: *Sol fresco*, dibujo vectorial, SGG 2015.

I.S.B.N.: 978-84-7956-191-8 (Obra completa)

I.S.B.N.: 978-84-7956-189-5 (Volumen I)

DEPÓSITO LEGAL: Z 1366-2019

IMPRIME: Ulzama Digital

Impreso en España / Printed in Spain



PROFESOR DR. AURELIO PÉREZ JIMÉNEZ

Sección I: Plutarco, literatura y tradición

PLUTARCO TRANSMISSOR DA PAIDEIA E DA POLITEIA: O TRATADO *AD PRINCIPEM INDOCTUM*¹

JOAQUIM PINHEIRO
Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Universidade de Coimbra)

Resumo

Como herdeiro de preceitos éticos, psicológicos e políticos, Plutarco estabelece, frequentemente, paralelos entre Gregos e Romanos, confrontando assim duas culturas, com semelhanças e diferenças, numa *synthesis/krasis* do mundo greco-romano, com muito significado. Baseando-nos em especial no tratado *Ad principem indoctum*, salientaremos o valor da *paideia* na atividade politeia. De facto, a *paideia* pode ser decisiva e diferenciadora na vida de um governante, especialmente num momento em que Roma é a força dominante. O conjunto de valores e princípios que Plutarco desenvolve é, sem dúvida, muito importante para entender as raízes culturais da Europa.

Palavras-chave

Plutarco, *paideia*, *politeia*, identidade cultural, biografia, tratado político.

Abstract

As heir to ethical, psychological and political precepts, Plutarch often establishes Greek and Roman parallels, thus confronting two cultures, with similarities and differences, in a *synthesis/krasis* of the Greco-Roman world, that is full of meaning. Based mainly on the treatise *Ad principem indoctum*, we will focus on the value of *paideia* in the *politeia* activity. In fact, *paideia* can be decisive and differentiating in the life of a ruler, especially at a time when Rome is the dominant force. The set of values and principles that Plutarch develops are very important for understanding the cultural roots of Europe.

¹ Conheci o Professor Aurelio Pérez Jiménez em 1999, no Congresso Internacional Plutarco Educador da Europa, realizado em Coimbra. Desde essa altura, tenho tido a honra de poder partilhar da sua sabedoria e amizade em muitos encontros científicos. Por isso, dedico-lhe este pequeno texto como sinal da minha amizade e gratidão pela sua dedicação aos Estudos Clássicos. Este estudo foi desenvolvido no âmbito do Projecto “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal). Acrescente-se que, por opção do autor, este artigo não adopta o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). Recuperamos neste trabalho reflexões que desenvolvemos em PINHEIRO, 2011: 377-388 e 2013: *passim*.

Keywords

Plutarch, *paideia*, *politeia*, cultural identity, biography, political treatise.

Por causa da amplitude temática e da natureza da sua obra, Plutarco assume-se como umas das principais fontes de informação para os que se interessam pela Antiguidade Clássica. Para alguns, as *Vitae* e os *Moralia* são uma verdadeira biblioteca de saberes do mundo antigo, não só pela quantidade, mas também pelo valor ímpar que essa obra ocupa na literatura clássica. Nesse sentido, Plutarco, um erudito do seu tempo, foi transmissor da concepção antiga de indivíduo e dos seus valores, pensamentos e arte para viver (τέχνη βίου)², que contribuíram para a formação da ideia de Europa.

A concepção que Plutarco tem da *paideia* e do seu valor para a sociedade e para o indivíduo resulta, em grande parte, das raízes platónicas, que ele aprendeu de Amónio³. Não sendo um filósofo do nível de Platão ou Aristóteles, também não se pode dizer que tenha sido um filósofo menor, uma vez que está familiarizado com as formas e as técnicas que enformam a filosofia, conseguindo, como o tratado *De animae procreatione in Timaeo* prova⁴, atingir na sua análise um elevado grau conceptual e de abstracção, embora se possa dizer que recuperou muita da terminologia aristotélica e estóica, sem preservar totalmente o platonismo, resultando daí uma ideologia ecléctica. O eclectismo plutarquiano⁵, marcado também pela sua oposição aos Epicuristas⁶ e aos Estóicos⁷, tem enormes virtudes por causa da sua capacidade de síntese, da sua adaptação e reutilização de conceitos. A esta combinação de elementos morais chamou T. Morgan⁸ um “multi-gravitational” modelo.

² Cf. *De aud.* 43A-B, *De prof. in virt.* 75F e 84E, *Quaest. conu.* 613B e *An seni resp.* 796C-D.

³ Cf. DONINI, 1986: 97–110.

⁴ Cf. BABUT, 1994: 516 n. 65.

⁵ O estímulo e os problemas que o professor de filosofia transfere para os discípulos, por forma a conhecerem a verdade, método tão notório no tratado *De aud.*, é interpretado como um dos sinais da influência da Academia céptica em Plutarco (cf. ROSKAM, 2004: 103 e OPSOMER, 1988: esp. 189). Sobre o ecletismo de Plutarco, vide TAGLIASACCHI, 1961: 71.

⁶ Cf. FLACELIÈRE, 1959: 197-215 e HERSHBELL, 1992b: 3353-3383. Para Plutarco, como afirma BOULOGNE, 2003: 142, o Epicurismo conduz o homem a “un état de pure bestialité”.

⁷ Cf. BABUT, 1969 e HERSHBELL, 1992a: 3336-3352.

⁸ Cf. MORGAN, 2007: 183-184.

Enquanto receptor e transmissor da cultura antiga, Plutarco, com a profundidade ética e política da sua narrativa, nem sempre se dirige aos seus leitores ou espectadores, mas a ele próprio e ao seu “espelho”, como participante da História⁹. A contemplação dos heróis do passado, dos παραδείγματα τῶν βίων, visa persuadir os leitores para a *mimesis*¹⁰. Deste modo, enceta-se o estilo mimético da biografia, que se caracteriza por interligar aspectos psicológicos e juízos sobre valores com episódios mais dramáticos e simbólicos, onde os imitadores (heróis que tentam imitar outros) acabam por ser, eles próprios, modelos para os leitores. Contribuir para a memória dos acontecimentos é, sem dúvida, um dos objectivos da narrativa Plutarco, mas, como interessa moldar e temperar (ἡθοποιεῖν καὶ σωφρονίζειν)¹¹ a *psyche* dos seus concidadãos, numa época tão exigente, o valor pedagógico do texto ganha uma enorme expressão.

Com maior ou menor relevo histórico, as várias personagens¹² não surgem apenas para serem dignas de admiração, mas carregam uma dimensão social, política e histórica, que as torna modelos intemporais, com virtudes e defeitos. Mas, mais importante ainda, é o facto de Plutarco, herdeiro dos preceitos éticos e psicológicos dos peripatéticos, colocar em paralelo Gregos e Romanos, pondo em confronto, dessa forma, duas culturas, com semelhanças e diferenças, numa síntese do mundo greco-romano.

O pensamento político de Plutarco indaga a validade do poder “municipal”¹³, das *poleis*, abordando questões relativas à administração das cidades gregas a Oriente, e, num plano mais teórico, discute a natureza, o carácter e a finalidade da ἀρχή. Com conselhos concretos, Plutarco transmite não só valores éticos, mas também contribui para a serenidade dessas *poleis*, de modo a evitar impulsos despóticos e a limitar a influência romana. Por conseguinte, mais do que teorizador político, papel que lhe poderia acarretar problemas com a classe dirigente, numa altura em que se sentia alguma tensão, Plutarco prefere ser conselheiro, não ao

⁹ Um bom exemplo dessa participação de Plutarco na própria narrativa é o tratado *Quaest. conv.*

¹⁰ Cf. *Demetr.* 1.4-6.

¹¹ Cf. *Praec. ger. reip.* 814B.

¹² Neste trabalho, as nossas referências remetem quase sempre para os biografos ou para aqueles que desempenharam funções de liderança. No entanto, é necessário referir que a capacidade política não é um exclusivo dos homens; a este propósito, vide o trabalho de CIOCCOLO, 2005: 133-144.

¹³ Cf. DESIDERI, 1985: 391-405.

estilo de Platão em Siracusa¹⁴, mas, com um discurso ético-moral. Sem apoiar reestruturações radicais, tenta construir a imagem ideal daquele que exerce funções políticas, ou seja, adopta sobretudo uma função de guia¹⁵. Gera-se, em especial nos tratados políticos, uma tensão entre o papel relevante que o *politikos* deve desempenhar e as limitações que os Gregos sentiam perante o domínio romano. Por isso, a mensagem de Plutarco é essencialmente pragmática e reforça o sentido ético da *politeia*¹⁶, para que se crie entre Gregos e Romanos ou entre a classe dirigente e os cidadãos uma boa relação.

Diríamos que os tratados *Maxime cum principibus philosopho esse disserendum* e *Ad principem indoctum* (ou *ineruditum*) fazem, sobretudo, uma reflexão teórica sobre a ἀρχή, enquanto em *An seni respublica gerenda sit* e em *Praecepta gerendae reipublicae*¹⁷ se discorre sobre a *praxis* política da administração local. Além disso, sublinhamos o apelo que se faz ao cumprimento da lei, mas sobretudo da lei moral, daí o alcance de virtudes como as seguintes: εὐβουλία, δικαιοσύνη, χρηστότης, μεγαλοφροσύνη, εὐνομία, δίκη, πράοτης e ἀλήθεια¹⁸. Para melhor ilustrar as suas ideias, o Queronense recorre a exemplos do passado: Péricles, entre os Gregos, e Cipião Emiliano e Catão de Útica, entre os Romanos, em *Maxime cum principibus*; já no tratado *Ad principem indoctum*, surgem Epaminondas e Catão de Útica, repetindo-se e juntando-se a estes dois a figura de Alexandre, talvez por este permitir a distinção do filósofo-rei¹⁹.

A proximidade entre *paideia* e *politeia*²⁰ é evidente nas *Vitae* e nos *Moralia*, pois são dois elementos determinantes para a caracterização do herói de Plutarco. A *politeia*, especialmente quando é exercida segundo os padrões morais que Plutarco define nos tratados políticos, é a melhor vocação que um homem pode possuir²¹, pois a política é

¹⁴ Tentou que Dionísio aí pusesse em prática o projecto que não conseguira implementar em Atenas (cf. *Pl. Epist.* VII).

¹⁵ Cf. JONES, 1971: 111.

¹⁶ Cf. VAN HOOFF, 2010; ROSKAM & VAN DER STOCKT, 2011; PELLING, 2014: 149-162; XENOPHONTOS, 2016.

¹⁷ Sobre estes dois tratados, vide P. DESIDERI, 1986: 371-381.

¹⁸ As quatro primeiras em *Max. cum princ.* e as outras em *Ad princ. ind.*

¹⁹ Sobre as possíveis razões do uso de Alexandre como modelo, vide ZECCHINI, 2002: 195.

²⁰ Cf. ROSKAM, 2005: 133-138, e TEODORSSON, 2008: 339-350; sobre o conceito e sentido de *politeuma*, vide LEÃO, 2017: 357-364.

²¹ Cf. *Comp. Arist.-Cat. Ma.* 3.1; em *Num.* 5-6, Numa recusa assumir o reino por se considerar um filósofo, mas o pai tenta demovê-lo, argumentando que, para um

um modo de agir e de viver²², que a expressão ἀνὴρ πολιτικὸς καὶ πρακτικὸς reflecte, por congregar a consciência de cidadania, bem como as responsabilidades daí inerentes, nomeadamente a dinâmica das actividades levadas a cabo em favor dos concidadãos.

O binómio *paideia-politeia* é significativo na obra de Plutarco, não só porque os heróis retratados exercem funções públicas com maior ou menor relevo, susceptíveis de serem imitadas e admiradas pelos contemporâneos, mas também pelo facto de a *paideia*, no seu sentido formativo, constituir uma fase preparatória importante para o exercício do poder²³. Como não se deve enveredar pela vida política por um impulso emocional²⁴, a *paideia* assume-se como o bem mais importante para qualquer indivíduo que aspire a desempenhar funções na *polis* ou na *Vrbs*²⁵. Aliás, conhecemos o perfil ético dos biografados a partir da sua conduta política e das suas acções²⁶: ἀλλὰ περὶ μὲν τούτων καὶ ἑτέρων γελοίων καίπερ ἔτι πλείω λέγειν ἔχοντες, ἐνταῦθα παυσόμεθα· τὸν δ' ἄλλον αὐτοῦ τρόπον καὶ τὸ ἦθος ἀπὸ τῶν πράξεων καὶ τῆς πολιτείας θεωρεῖσθαι δίκαιόν ἐστιν (Ainda que tivéssemos muito a dizer sobre estas matérias e outros assuntos ridículos, evitamos agora expô-los. É justo observar os outros traços da sua maneira de agir e do seu carácter a partir das acções e da actividade política).

De forma intencional, Plutarco, na arquitectura das *Vitae*, dedica-se primeiro à *paideia* e só depois à *proairesis* e à iniciação na vida pública, embora em alguns casos, como nas biografias de Alcibíades ou Sertório, as personagens se iniciem muito cedo na arte da guerra, sem terem dedicado o tempo conveniente a aprofundar as matérias educativas. Além disso, nem sempre aquele que recebeu

sábio como ele, a governação é uma oportunidade de origem divina, que permitirá fazer uso da justiça e dos mais nobres valores.

²² Cf. *An seni resp.* 786B; *Cum princ. philos.* 778C e F; *Praec. ger. reip.* 823C.

²³ Cf. LIVINGSTONE & TOO, 1998: *passim*.

²⁴ Cf. *Gracch.* 22; *Praec. ger. reip.* 798C.

²⁵ Nesse sentido, RUSSEL, 1966: 141, considera que “one of the leading themes of the *Parallel Lives* was to demonstrate to the Romans that the greatness of Greece had been *political* greatness and that Ἑλληνικὴ παιδεία was a road *ad rem publicam bene gerendam*”. Note-se que, para Plutarco, a *paideia* política não deve ser usada apenas como forma de uma elite social se distinguir ou para ser exibida em confrontos e iniciativas convencionais, mas é um meio para persuadir os governados; vide PANAGOPOULOS, 1977: 229 sqq.

²⁶ *Dem.* 11.7; cf. VALGIGLIO, 1992: 4010-4014, para uma interpretação do valor das *praxeis* para a análise do *ethos*.

cidadania. De facto, surge no século I a figura do homem culto que recorre à filosofia e à retórica, duas disciplinas que se aproximaram decisivamente por acção de Cícero, que quis combinar eloquência e saber, síntese que Plutarco também defende. Propõem-se novamente os princípios platónicos, aristotélicos e isocráticos para o exercício da *politeia*³¹, uma vez que a natureza humana só se realiza em pleno na vida pública, perante o olhar atento dos demais cidadãos³².

Para o político, além do desejo de perseguir constantemente a vitória e de encontrar as melhores decisões, o fim mais belo é ser um modelo de virtude para os cidadãos, assim o afirma na biografia de Numa³³. Para demonstrar que Numa foi um governante com capacidade para ganhar o respeito dos seus súbditos e tornar-se modelo destes, Plutarco baseia-se na concepção política e ética de Platão³⁴, que se concentra em preceitos fundados na justiça, na moderação, na paz, na amizade e na virtude, fundamentais para consolidar a relação entre quem governa e quem é governado.

Aliás, uma das dificuldades daquele que exerce funções de Estado é a relação com os cidadãos, os quais, muitas vezes, sem entender as opções que os governantes tomam, se deixam persuadir por tão eloquentes quanto propagandas que não conduzem a nada de positivo para a *polis* e que apenas ajudam a criar uma maior distância entre a elite que governa e os restantes cidadãos. Como a relação que existe entre o sol e o céu, que, segundo os matemáticos (astrónomos)³⁵, o sol, por descrever uma espiral, não tem um movimento semelhante nem oposto ao do céu, também entre governante e cidadão deve existir uma relação salutar e de entendimento recíproco. No caso concreto da Grécia do século I, parece-nos que a reacção da elite aristocrática ao domínio romano, receosa de perder poder e protagonismo, não encontraria eco numa parte substancial da população, mais preocupada em sobreviver e em ver findar as intermináveis guerras.

No prólogo do par *Phocion-Cato Minor*³⁶, Plutarco, a propósito do sentido de rigor de Catão de Útica, explica que, em política, é perigoso seguir, cegamente, um caminho, por vezes duro e exigente,

³¹ Cf. *An seni resp.* 790F.

³² *Ibid.* 786E; sobre este assunto, vide a análise de BOULOGNE, 2004: 212 sqq.

³³ *Num.* 20.5-8.

³⁴ Cf. *Resp.* 487e, 499b, 501e, *Lg.* 711e e 712a.

³⁵ Cf. *De soll. anim.* 974F onde se percebe melhor a relação entre matemáticos e astrónomos.

³⁶ *Phoc.* 2.6-9.

sem ouvir os cidadãos e indo, por vezes, contra a vontade popular. Para se criar um clima de responsabilização entre aquele que governa e o cidadão, a melhor opção, para o governante, é delinear um interesse comum, fazer algumas concessões, executando as actividades com *πράως* e *χρησίμως*. No fundo, o exercício da actividade política tem de ser sensato e harmonioso, conciliando-se a firmeza nas decisões com a bondade e a capacidade de dialogar. Logo, após a identificação das necessidades, é preciso ser persuasivo e racional. Deste modo, o *politikos* deve socorrer-se da retórica e do *logos*, qualidades que decorrem da formação: a retórica como matéria que pertence a um nível superior da aprendizagem e o *logos* que se consolida com o processo formativo, por meio do controlo das emoções e dos impulsos excessivos.

Os tratados políticos, um pouco à semelhança do que acontece na *synkrisis* cultural das *Vitae*, constituem documentos valiosos para avaliar a noção que Plutarco tinha das relações entre a Grécia e Roma, uma vez que a filosofia política, por assim dizer, parece corroborar a ideia de que as duas culturas se devem conhecer melhor. Tal como Plutarco cultivou várias amizades com Romanos, também estes deviam deixar de ver os Gregos como *Graeculi*³⁷, adjectivo com que os Romanos qualificavam aqueles que, como Cícero, se tinham instruído na língua, na literatura, na filosofia e na retórica dos Gregos. Apesar de Plutarco reconhecer o poderio dos Romanos, faz questão de lhes lembrar que, no passado, os Gregos tiveram homens tão valentes na acção como os actuais Romanos. Quanto aos Gregos, por sua vez, não podem olhar para os Romanos como se eles fossem bárbaros semelhantes aos Persas, mas procurar persuadi-los, com respeito pela sua idiossincrasia cultural, para os valores helénicos, forma que poderia atenuar a ascensão política e o poderio militar dos próprios Romanos.

Os tratados políticos, em especial os *Praecepta gerendae rei-publicae*, apresentam exemplos com uma evidente finalidade prática, de modo a influenciarem a conduta e a formação dos *politikoi*, fundados numa série de teorias sobre o pensamento político do Queroneense, que são mescladas, por um lado, com valores morais e, por outro, com uma clara vocação formativa. Para Plutarco, aquele que

³⁷ Sobre o uso deste diminutivo de sentido depreciativo, vide DUBUISSON, 1991: 322-329. Recordamos que o próprio imperador Adriano, por causa do seu interesse intelectual pela cultura grega, era chamado por alguns de *Graeculus* (*Historia augusta* 1.5).

governa deve saber conduzir os cidadãos com a *arete* e o *phronema*, usando para isso o dom do *logos*, de forma a suscitar a admiração dos concidadãos. Tal como Platão e Aristoteles, Plutarco também resume as principais qualidades do *politikos*³⁸: entregar-se ao serviço público por *proairesis*; ser afável e sociável; relacionar-se com os demais com solicitude e humanidade; ser justo nas decisões, de modo a inspirar confiança; ter capacidade para apoiar aqueles que fracassam e de se regozijar com os que alcançam êxito; recusar a arrogância e a sumptuosidade; ser indulgente e conciliador, bem como diligente nos assuntos públicos. Por causa da observância desta conduta, o *politikos* ganhará a benevolência do povo, pois este saberá reconhecer a sua solicitude (*kedemonia*) e inteligência (*phronesis*). Note-se que o *politikos* deve ser, antes de tudo, um cidadão como os demais e quando exerce funções governativas não se deve esquecer disso, mantendo-se ἴσος. Por outro lado, a *politeia*, obrigando a uma grande entrega, promove também a *captatio benevolentiae* dos cidadãos, de forma a que estes se identifiquem com quem exerce o poder.

As qualidades que um homem de Estado deve possuir podem resultar da sua *paideia* e do efeito pedagógico que deve procurar incutir no povo que governa, para ganhar o seu respeito e para que se sinta persuadido a imitá-lo. Além disso, atendendo ao facto de os Romanos ocuparem o poder, exigia-se que os Gregos exercessem a *politeia* de forma moderada. Os políticos gregos tinham, assim, uma liberdade limitada, à semelhança dos actores dramáticos que estavam obrigados a respeitar as regras daqueles que os dirigiam, pois se os actores expõem em palco o πάθος, o ἦθος e o ἀζίωμα³⁹, também os heróis de Plutarco manifestam essas motivações na *praxis* política. Registe-se que, apesar de muitos gregos terem ocupado importantes funções na hierarquia política romana, Plutarco refere-se só uma vez, talvez para não provocar reacções negativas nos Romanos, ao lamento de alguns dos seus contemporâneos por causa da carreira política⁴⁰:

ἄλλος δέ τις Χίος, ἄλλος δὲ Γαλάτης ἢ Βιθυνὸς οὐκ ἀγαπῶν,
εἴ τινος μερίδος ἢ δόξαν ἢ δύναμιν ἐν τοῖς ἑαυτοῦ πολίταις εἴληχεν,
ἀλλὰ κλαίων ὅτι μὴ φορεῖ πατρικίους· ἐὰν δὲ καὶ φορῆ, ὅτι μηδέπω

³⁸ Cf. *Praec. ger. reip.* 823A-C.

³⁹ Cf. *Praec. ger. reip.* 813E; vide também 800B, 805D, 806A e 816F; cf. *Quaest. conu.* 711E, *Arist. Pol.* 1461b 30; vide BECCHI, 1995: 51-64.

⁴⁰ *De tranq. an.* 470C; para uma análise deste passo vide SWAIN, 1998r: 169-170.

στρατηγεῖ Ῥωμαίων· ἐὰν δὲ καὶ στρατηγῆ, ὅτι μὴ ὑπατεύει· καὶ ὑπατεύων, ὅτι μὴ πρῶτος ἀλλ' ὕστερος ἀνηγορεύθη.

Um de Quios, outro Gálata ou Bitino, que não estando satisfeito com a parte de glória ou de poder que lhe coube entre os seus próprios concidadãos, mas chora por não usar calçado de patrício; mas, se o usa, chora por não ser ainda pretor dos Romanos; se já é pretor, porque não é cônsul; sendo cônsul, porque não foi o primeiro, mas o último a ser nomeado⁴¹.

Plutarco analisa a *paideia* (a formação, a cultura, os valores) dos seus heróis em diversas circunstâncias e a partir de atitudes, opções, erros, virtudes ou dúvidas, relacionados, em geral, com a *politeia*. Além disso, só aqueles que têm *proairesis* política e sentem que desempenham um serviço em prol do bem comum deveriam dedicar-se à *politeia*. Na verdade, aquele que dirige e assume o comando da *politeia* tem de fomentar a justiça e a concórdia, evitar os excessos e, acima de tudo, ser modelo de princípios, que só se podem ter pela *paideia*, na qual a filosofia assume especial relevo⁴². Nesta perspectiva, Plutarco apresenta uma solução intermédia entre o Estado educador de Platão e a autonomia moral defendida por Galeno, uma vez que não exclui a *paideia* dos meandros do poder, de modo a formar indivíduos moderados (μετρίω ... ἤθει)⁴³. Plutarco tenta sempre conciliar as duas realidades: a individualidade, a personalidade e a *physis* do eu, com a sociabilização a que esse eu está sujeito, tanto pela *paideia* como pelo contacto com a realidade exterior. Com convicção, defende que o filósofo é uma peça essencial na *politeia*, cujo exercício tem implícita uma crítica ao princípio epicurista λάθε βιώσας⁴⁴ ou aos Estóicos, como Zenão, Cleantes e Crisipo, que não participaram na vida pública, apesar de terem escrito sobre a *politeia*⁴⁵. Em verdade, a vocação didáctica de Plutarco não tinha apenas uma intenção moralizante, mas também política, certamente influenciada pela propaganda que rodeava Nerva e

⁴¹ Cf. Cic. *Mur* 8.18, sobre o valor de ser nomeado em primeiro lugar.

⁴² Cf. RAWSON, 1989: 233–257.

⁴³ Cf. *Max. cum princ.* 778A.

⁴⁴ Cf. *De lat. uiu.* 1128A–1130E e *Praec. ger. reip.* 824B. Plutarco critica os epicuristas por tentarem dissuadir todos da *politeia*, além de não valorizarem as figuras ilustres da *politeia*, tanto do passado como do presente (cf. *Adu. Col.* 1127A–1127E).

⁴⁵ Cf. *De Stoic. rep.* 1033B–C; por causa dessa atitude, Plutarco afirma que, contrariamente às suas obras, esses estóicos viveram mais em consonância com os preceitos de Epicuro ou de Hierónimo (cf. *ibid.* 1033C).

Trajano, da qual fazem parte alguns discursos de Díon de Prusa e o *Panegyricus* de Plínio-o-Jovem. Só dessa forma se percebem os seguintes paradoxos: Plutarco recusava todas as formas de tirania, mas mostra-se condescendente com o Império; não aprovava a intervenção do povo, designado por ὄχλος, mas admirava e louvava os valores da Democracia Ateniense e da República Romana.

O tratado *Ad principem indoctum* (779-782F) é, em particular, um bom exemplo do valor que o Queronense atribui à *paideia*, até porque considerava que o *politikos* podia exercer uma influência positiva no *ethos* daqueles que dependiam dele⁴⁶. Plutarco defende, neste tratado, que a formação dos soberanos é tão difícil quanto necessária, uma vez que o *apaideutos*, o oposto de *pepaideumenos*, nunca poderá ser um bom governante⁴⁷. Para a consumação desse objectivo, só a filosofia pode proporcionar uma boa educação, no sentido de o libertar de paixões e de lhe ensinar a virtude e a justiça⁴⁸, ou seja, a *paideia* filosófica. Assim, o tratado *Ad principem indoctum*⁴⁹ (em tradução, *A um governante sem educação*) recupera os princípios de Platão, de Isócrates ou dos Estóicos, defensores da educação filosófica dos *hegemonikoi*, e dirige-se, possivelmente, ao *princeps*⁵⁰.

Tanto nos *Moralia* como nas *Vitae*, Plutarco demonstra, recorrentemente, que aqueles que governam se encontram muito próximos dos defeitos ou das virtudes, do insucesso ou da glória, e

⁴⁶ Cf. *Lyc.* 30.4 e *Ad princ. ind.* 780B; sobre esta questão, vide AALDERS, 1982: 45, e HERSHBELL, 1995: 215-216.

⁴⁷ A complementaridade entre os dois tratados levou BARIGAZZI, 1982: 62-79, a defender que os dois formariam um único tratado. O uso de οἷσθε, em 781E, e οἷει, em *Cum princ. philos.* 779A, pode dificultar a aceitação dessa tese. Dentro desta linha de pensamento, ZECCHINI, 2002: 191, com base na ocorrência do pronome pessoal σε, em *Cum princ. Philos.* 778C, escreve: "(...) in the *Maxime cum principibus* there is one character, who is addressed in the second person singular and to whom the work is directed, that does not appear in the *Ad principem ineruditum*". Sobre o bom governante em Plutarco, vide SQUILLONI, 1989: 225-243.

⁴⁸ Cf. 782A.

⁴⁹ JONES, 1971: 30, não afasta liminarmente a possibilidade de este tratado ter como destinatário Trajano, mas, por não haver nenhuma referência explícita no texto, considera que ele "delivered before several hearers". O plural οἷσθε (781E), acima mencionado, parece sugerir que se dirigia a várias pessoas, numa espécie de conferência ou lição pública.

⁵⁰ Sobre o destinatário e a antiga tradição do *speculum principis*, vide TIRELLI, 2005: 20-21, que sustenta a ideia de que as palavras de Plutarco, neste tratado, giram em torno do *optimus princeps*. Esta edição e comentário do texto de Plutarco foi-nos muito útil para a elaboração deste trabalho.

temem que a *paideia* lhes faça perder a autoridade⁵¹. Os que assim agem só revelam que não interiorizaram o verdadeiro sentido do poder e os deveres que têm de respeitar para com os cidadãos, tornando-se muitas vezes tirânicos⁵²:

Ἄλλὰ νοῦν οὐκ ἔχοντες οἱ πολλοὶ τῶν βασιλέων καὶ ἀρχόντων μιμοῦνται τοὺς ἀτέχνους ἀνδριαντοποιούς, οἱ νομίζουσι μεγάλους καὶ ἀδρούς φαίνεσθαι τοὺς κολοσσούς, ἂν διαβεβηκότας σφόδρα καὶ διατεταμένους καὶ κεχηγνότες πλάσωσι· καὶ γὰρ οὗτοι βαρύτερη φωνῆς καὶ βλέμματος τραχύτερη καὶ δυσκολία τρόπων καὶ ἀμιξία διαίτης ὄγκον ἡγεμονίας καὶ σεμνότητα μιμείσθαι δοκοῦσιν, οὐδ' ὅτιοῦν τῶν κολοσσικῶν διαφέροντες ἀνδριάντων, οἱ τὴν ἔξωθεν ἥρωικὴν καὶ θεοπρεπῆ μορφήν ἔχοντες ἐντός εἰσι γῆς μεστοὶ καὶ λίθου καὶ μολίβδου· πλὴν ὅτι τῶν μὲν ἀνδριάντων ταῦτα τὰ βάρη τὴν ὀρθότητα μόνιμον καὶ ἀκλινῆ διαφυλάττει, οἱ δ' ἀπαίδευτοὶ στρατηγοὶ καὶ ἡγεμόνες ὑπὸ τῆς ἐντός ἀγνωμοσύνης πολλακίς σαλεύονται καὶ περιτρέπονται· βάσει γὰρ οὐ κειμένη πρὸς ὀρθὰς ἐξουσίαν ἐποικοδομοῦντες ὑψηλὴν συναπονεύουσι. δεῖ δέ, ὥσπερ ὁ κανὼν αὐτός, ἀστραβῆς γενόμενος καὶ ἀδιάστροφος, οὕτως ἀπευθύνει τὰ λοιπὰ τῇ πρὸς αὐτὸν ἐφαρμογῇ καὶ παραθέσει συνεξομοιῶν, παραπλησίως τὸν ἄρχοντα πρῶτον τὴν ἀρχὴν κτησάμενον ἐν ἑαυτῷ καὶ κατευθύναντα τὴν ψυχὴν καὶ καταστησάμενον τὸ ἦθος οὕτω συναρμόττειν τὸ ὑπήκοον· οὔτε γὰρ πίπτοντός ἐστιν ὀρθοῦν οὔτε διδάσκειν ἀγνοοῦντος οὔτε κοσμεῖν ἀκοσμοῦντος ἢ τάττειν ἀτακτοῦντος ἢ ἄρχειν μὴ ἀρχομένου·

Porém, muitos dos reis e dos governantes, não tendo discernimento, imitam os escultores sem arte, os que consideram que os colossos parecem mais imponentes e grandiosos se os modelarem com as pernas em posição de andar e com os braços esticados e a boca aberta. Na verdade, os reis e os governantes julgam que imitam a majestade e a solenidade da hegemonia por usarem uma voz grave, terem um olhar lancinante e formas de agir irascíveis ou uma vida isolada, mas em nada diferem das estátuas dos colossos, que têm por fora um aspecto heróico e digno de uma divindade, mas por dentro estão cheias de terra, de pedra e de chumbo. Com a exceção de o peso das estátuas manter estas numa posição estável, sem tombar, enquanto os estrategos e os chefes sem instrução muitas vezes baloiçam e baqueiam por causa da ignorância que têm dentro. É que eles vacilam ao construírem a sua elevada autoridade em função do que é justo sobre uma base que não está consolidada. Tal como a

⁵¹ Cf. 779D-F.

⁵² 779F-780B.

régua é ela própria direita e indeformável, e dessa forma endireita as restantes coisas, assemelhando-as por conveniência e justaposição à sua forma, também o governante, após adquirir, primeiramente, o governo de si próprio, endireitando a alma e estabelecendo o seu carácter, deve, da mesma forma, ajustar os seus súbditos a ele. De facto, não se consegue endireitar o que cai, nem ensinar o ignorante, nem pôr em ordem aquilo que vive em desordem, corrigir o indisciplinado ou governar o que não se deixa governar.

Este texto critica os *politikoi* que, por causa de serem *apaideutoi*, se preocupam em transmitir a sua autoridade mais por meio do aspecto do que por uma convicção interior, repetindo-se os dois níveis a que Plutarco tantas vezes alude ao longo dos *Moralia*: o interior e o exterior. Para se ganhar o respeito e a admiração dos concidadãos deve o político preocupar-se em instruir-se e adoptar os valores da *paideia*, auxílio primordial das suas decisões.

De facto, para se saber governar bem os outros é preciso que o soberano seja capaz de se governar a si próprio⁵³, baseando-se a boa governação na razão⁵⁴. Ora, será a filosofia a formar e modelar a razão⁵⁵, pois não possuir a razão pode tornar-se perigoso, uma vez que isso permite ao indivíduo fazer o que quiser e ter atitudes mais de acordo com as *kakiai* do que com as *aretai*⁵⁶. Neste aspecto, reside o papel principal da filosofia: fazer com que a razão domine os preceitos de quem governa e da sociedade, levando a que se consolide a ordem, a justiça e a paz entre os cidadãos. Ao exercer as suas funções com justiça e inteligência, o *politikos* estará a ser um modelo para os cidadãos e ὁμοίότητα θεῶ⁵⁷.

⁵³ Cf. 780B-C; se aquele que governa julga que o seu primeiro privilégio consiste em não ser governado, engana-se por completo (cf. 789C).

⁵⁴ Cf. 780C-E; por oposição, existe a *kakopoliteia*, que Plutarco associa à fase final da República (cf. *Pomp.* 75.5 e *Caes.* 28.4), declínio que a providência divina trava com a monarquia. Nas biografias de Sula (25.4-5), Sertório (24.5) e António (24.7-8; 68.6-8), Plutarco tece alguns comentários sobre a má administração, ao contrário do que faz na descrição de Flaminino ou Emílio Paulo, figuras romanas da fase intermédia da República.

⁵⁵ Cf. 781A-E; são exemplo disso Alexandre e Diógenes (cf. 781E-782B); em *Alex.* 52.3, recorre-se, sem grande sucesso, ao filósofo Calístenes para apaziguar a dor de Alexandre.

⁵⁶ Cf. 782C-F.

⁵⁷ Cf. *ibid.* 780E.

Como se constata, interessa mais a Plutarco o exercício do poder do que a forma como se ascende a ele. Ele sabe que o poder tem tendência a desvirtuar as qualidades do homem e que, quando se exerce esse poder, se torna impossível ocultar os vícios⁵⁸. A *paideia* torna-se, deste modo, indispensável para o correcto desempenho do governante, com o objectivo de dotar este do equilíbrio necessário para saber enfrentar os momentos de maior entusiasmo com prudência ou para, perante os obstáculos, ser um modelo de perseverança junto dos seus concidadãos. Ao que carece da *paideia*, o *apaideutos*, mesmo que, por sorte, lhe toque a riqueza e a fama, mal atinge a *akme* política, é derrubado por falta de capacidade e formação para esse lugar:⁵⁹ ἀλλὰ τοὺς μὲν ἐπιληπτικούς, ἂν ἐν ὕψει τινὶ γένωνται καὶ περιενεχθῶσιν, ἱλιγγος ἴσχει καὶ σάλος, ἐξελέγχων τὸ πάθος αὐτῶν, τοὺς δ' ἀπαιδεύτους καὶ ἀμαθεῖς ἢ τύχη μικρὸν ἐκκουφίσασα πλούτοις τισὶν ἢ δόξαις ἢ ἀρχαῖς μετεώρους γενομένους εὐθὺς ἐπιδείκνυσι πίπτοντας (Os epilépticos, se estão num lugar alto e se mexem, são possuídos por uma vertigem e uma agitação, que prova a doença deles. A sorte, por seu lado, elevando um pouco os que carecem de instrução e os ignorantes com algumas riquezas, fama ou poder, logo que chegam às alturas, ela de imediato os mostra a cair). Deste modo, o homem, para não estar dependente das incertezas da sorte, deverá dedicar-se à *paideia*, pois será ela o melhor baluarte para enfrentar as fragilidades próprias da condição humana. Veja-se que os tratados que discutem a razão do sucesso de Roma e de Alexandre (*De fortuna Romanorum* e *De Alexandri fortuna aut uirtute*, respectivamente) parecem indicar que Alexandre teve mais mérito individual, certamente alicerçado na sua *paideia*, na concretização dos seus feitos, do que os Romanos, mais dependentes da acção da *tyche*.

A *paideia* transmitida pelo filósofo tem uma componente teórica, na qual se inclui a compreensão do divino⁶⁰, pois o soberano deve ser uma espécie de intermediário entre a divindade e o homem⁶¹, procurando igualar as virtudes desse divino sem querer substituí-lo ou superiorizar-se a ele. A par disso, a *paideia* possui uma parte mais prática, ligada à *askesis*, que visa um processo gradual de melhoria das

⁵⁸ Cf. *De fort.* 100A, *De Alex. fort. aut uirt.* 336A-B e 337C, *De tranq. an.* 467B; vide, ainda, *Cic.* 52.2 e *Luc.* 25.2.

⁵⁹ Cf. 782E.

⁶⁰ Cf. *ibid.* 781F.

⁶¹ Cf. *Praec. ger. reip.* 823F e *Num.* 6.2.

capacidades intelectuais e morais do indivíduo, bem como o controlo dos excessos pela razão. Se, num cidadão comum, a falta de *paideia* potencia situações que revertem, essencialmente, para o próprio indivíduo, já num governante essa lacuna aumenta substancialmente as possibilidades de se cometerem erros, em particular quando está aliada ao aumento de poder⁶², sendo, por isso, necessário evitar o contacto com adutores que apenas visam aproveitar-se dessas circunstâncias⁶³.

Uma vez apreendida a *paideia*, conciliando a teoria e a prática, o novo *politikos* pode assumir plenamente as suas funções e tomar conta das matérias que dizem respeito aos cidadãos⁶⁴, aos quais se deve adaptar.

Em conclusão, para Plutarco a *paideia* é fundamental para formar o homem que haverá de exercer funções políticas. Com a *paideia*, ele ganhará conhecimentos e valores para assumir conscientemente a sua cidadania, tanto os direitos como os deveres. Dessa maneira, quem governa conseguirá, pelo seu exemplo, persuadir os cidadãos para uma vida virtuosa. Ora, atendendo a que no nosso tempo a actividade política se distingue mais pela subversão de valores, releer Plutarco, numa viagem aos fundamentos da cultura ocidental, pode gerar nostalgia, um sentimento de perda ou uma vontade de restabelecer preceitos que entretanto vão sendo relegados para um plano secundário ou mesmo esquecidos. No caso da Europa e dos que nela habitam, para G. Steiner⁶⁵ “ser europeu é tentar negociar, moralmente, intelectualmente e existencialmente, os ideais, afirmações, *praxis* rivais da cidade de Sócrates e da cidade de Isaías”. Sem dúvida, que os ensinamentos de Plutarco, educador da Europa, também fazem parte da argumentação desse diálogo tão premente, de questionamento cultural.

⁶² Cf. *Max cum princ.* 782B-C.

⁶³ Cf. *De ad. et am.* 49C-D.

⁶⁴ Cf. *Thes.* 33.2 e *Rom.* 13.5; *Ad princ. ind.* 781C-D.

⁶⁵ STEINER, 2005: 36.

BIBLIOGRAFIA

AALDERS, G.,

- *Plutarch's Political Thought*, Amsterdam, Oxford & New York, 1982.

BABUT, D.,

- *Plutarque et le Stoïcisme*, Paris, 1969.
- "Plutarque, Aristote et l'Aristotélisme", in *Parerga. Choix d'articles de Daniel Babut (1974-94)*, Lyon, 1994, pp. 505-529.

BARIGAZZI, A.,

- "Note critiche ed esegetiche agli scritti politici di Plutarco (II)", *Prometheus* 8 (1982) 62-79.

BECCHI, F.,

- "La saggezza del politico e la saggezza dell'attore: una questione di Quellenforschung", in I. Gallo & B. Scardigli (eds.), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno plutarco (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*, Napoli, 1995, pp. 51-64.

BOULOGNE, J.,

- *Plutarque dans le miroir d'Épicure*, Lille, 2003.
- "L'Imaginaire Politique de Plutarque", in L. De Blois *et al.* (eds.), *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*, Leiden & Boston, 2004, pp. 211-225.

CIOCCOLO, S.,

- "Melissa, Cleoboulina e l'auletride. Una triade di biografie allusive alla sapienza politica", in A. Pérez Jiménez and F. Titchener (eds.), *Historical and biographical values of Plutarch's works: studies devoted to Professor Philip A. Stadter by the International Plutarch Society*, Málaga and Utah, 2005, pp. 133-44.

DE BLOIS, L., *et al.* (eds.),

- *The statesman in Plutarch's works: proceedings of the sixth International Conference of the International Plutarch Society (Nijmegen, Castle Hernen May 1-5)*, Leiden and Boston, vols. 1 e 2, 2004 e 2005.

DESIDERI, P.,

- “Ricchezza e vita politica nel pensiero di Plutarco”, *Index* 13 (1985) 391-405.
- “La vita politica cittadina nell’impero: lettura dei *praecepta gerendae reipublicae* e dell’*an seni res publica gerenda sit*”, *Athenaeum* 74 (1986) 371-81.

DONINI, P. L.,

- “Plutarco, Ammonio e l’ Accademia”, in F. E. Brenk & I. Gallo (eds.), *Miscellanea Plutarchea. Atti del I Convegno di studi su Plutarco (Roma, 23 novembre 1985)*, Ferrara, 1986, pp. 97-110.

DUBUISSON, M.,

- “GRAECVS, GRAECVLVS, GRAECARI: L’emploi péjoratif du nom des Grecs en Latin”, in S. Saïd (ed.), *Hellenismos. Quelques jalons pour une histoire de l’identité grecque*, Leiden, New York, København, Köln, 1991, pp. 322-329.

FLACELIÈRE, R.,

- “Plutarque et l’Epicurisme”, *Epicurea* 10 (1959) 197-215.

HERSHBELL, J.,

- “Plutarch and Stoicism”, *ANRW* II.36. (1992a) 3336-52.
- “Plutarch and Epicurism”, *ANRW* II.36 (1992b) 3353-83.
- “*Paideia* and *politeia* in Plutarch: the influence of Plato’s Republic and Laws”, in I. Gallo & B. Scardigli (eds.), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno plutarcheo (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*, Napoli, 1995, pp. 209-219.

JONES, C.,

- *Plutarch and Rome*, Oxford, 1971.

LEÃO, D.,

- “Texto e contexto em Plutarco: o uso do termo ‘politeuma’ nas ‘Vidas’ e nos ‘Moralia’”, in M. Sanz Morales, R. González Delgado, M. Librán Moreno & J. Ureña Bracero (eds.), *La (inter) textualidad en Plutarco*, Cáceres, 2017, pp. 357-364.

LIVINGSTONE, N., & TOO, Y. (eds.),

- *Pedagogy and Power*, Cambridge, 1998.

MORGAN, T.,

- *Popular Morality in the Early Roman Empire*, Cambridge and New York, 2007.

OPSOMER, J.,

- *In search of the truth. Academic tendencies in Middle Platonism*, Brussels, 1988.

PANAGOPOULOS, C.,

- “Vocabulaire et mentalité dans les *Moralia* de Plutarque”, *DHA* 3 (1977) 197-235.

PELLING, C.,

- “Political philosophy”, in M. Beck (ed.), *A Companion to Plutarch*, MA and Oxford, 2014, pp. 149-62.

PÉREZ JIMÉNEZ, A.,

- “*Proairesis*: las formas de acceso a la vida pública y el pensamiento político de Plutarco”, in I. Gallo & B. Scardigli (eds.), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno plutarqueo (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*, Napoli, 1995, pp. 363-381.

PINHEIRO, P.,

- “O *philosophos* e a *politeia* em Plutarco” in J. Pedro Serra, H. Carvalhão Buescu, A. Nunes & R. Fonseca (coord.), *Memória e Sabedoria*, Lisboa, 2011, pp. 377-388.
- *Tempo e Espaço da Paideia nas Vitae de Plutarco*, Coimbra, 2013.

RAWSON, E.,

- “Roman Rulers and the Philosophic Adviser”, in M. Griffin and J. Barnes (eds.), *Philosophia Togata – Essays on Philosophy and Roman Society*, Oxford, 1989, pp. 233-57.

ROSKAM, G.,

- “From Stick to reasoning. Plutarch on the communication between teacher and pupil”, *WS 117* (2004) 93-114.
- “Political Education in the Service of the Public Interest: Plutarch on the Motivations of the Statesman”, in M. Jufresa et al. (eds.), *Plutarc e la seva època: Paideia i societat. Actas del VIII Simposio Espanol sobre Plutarco, Barcelona, 6-8 de Novembre, 2003*, Barcelona, 2005, pp. 133-8.

ROSKAM, G., & VAN DER STOCKT, L. (eds.),

- *Virtues for the people: aspects of Plutarchan ethics*, Leuven, 2011.

RUSSEL, D.,

- "On Reading Plutarch's 'Lives'", *G&R* 13.2 (1966) 139-54.

SQUILLONI, A.,

- "L'ideale del buon governante nel pensiero politico di Plutarco", *Civ. Class. e Crist.* 10 (1989) 225-243.

STEINER, G.,

- *A ideia de Europa*, Lisboa, 2005².

SWAIN, S.,

- *Hellenism and Empire. Language, Classicism, and Power in the Greek World, ad 50-250*, Oxford, 1998r.

TAGLIASACCHI, A.,

- "Le Teorie estetiche e la critica letteraria in Plutarcho", *Acme* 14 (1961) 71-117.

TEODORSSON, S.-T.,

- "The education of the rulers in theory (Mor.) and practice (Vitaetae)", in A. G. Nikolaidis (ed.), *The Unity of Plutarch's work: Moralia themes in the Lives, features of the Lives in the Moralia*, Berlin and New York, 2008, pp. 339-50.

TIRELLI, A.,

- *Plutarco. Ad un governante incolto*, Corpus Plutarchi Moraliu, Napoli, 2005.

VALGIGLIO, E.,

- "Dagli 'Ethica' ai 'Bioi' in Plutarco", *ANRW* II.33.6 (1992) 3963-4051.

VAN HOOFF, L.,

- *Plutarch's Practical Ethics: The Social Dynamics of Philosophy*, Oxford, 2010.

XENOPHONTOS, S.,

- *Ethical Education in Plutarch. Moralising Agents and Contexts*. Berlin/Boston, 2016.

ZECCHINI, G.,

- “Plutarch as political theorist and Trajan: some reflections”, in Ph. Stadter & L. Van der Stockt (eds.), *Sage and Emperor: Plutarch, Greek Intellectuals, and Roman Power in the Time of Trajan (98-117 A.D.)*, Leuven, 2002, pp. 191-200.

ÍNDICE

VOLUMEN I

JUAN FRANCISCO MARTOS MONTIEL, <i>Presentación</i>	9
CARLOS GARCÍA GUAL, <i>Un estudio inédito sobre Plutarco</i>	15
RAÚL CABALLERO SÁNCHEZ, <i>El buen demon de un helenista fecundo: Aurelio Pérez Jiménez</i>	23
BIOGRAFÍA PROFESIONAL Y PRODUCCIÓN CIENTÍFICA DEL PROF. DR. AURELIO PÉREZ JIMÉNEZ	29
<i>PARTE I: PLUTARCO, LITERATURA Y TRADICIÓN</i>	
CARLOS ALCALDE MARTÍN, <i>Vidas de Demetrio y Antonio: las artes plásticas, un recurso de Plutarco para componer el retrato físico y moral de los personajes</i>	75
STEFANO AMENDOLA, <i>Tespesio e i luoghi dell'aldilà. Riflessioni sul contributo esegetico ed ecdotico delle traduzioni del XVI secolo a due passi del De sera numinis vindicta (566 a e 566 b)</i>	93
JORGE BERGUA CAVERO, <i>Estribillos en la poesía y el culto del mundo antiguo. Para una historia del estribillo como forma poético-musical en Occidente</i>	113
PAULA CABALLERO SÁNCHEZ, <i>La enciclopedia científica de un erudito bizantino del s. XIV: París, Bibliothèque Nationale de France, Gr. 2381</i>	129

GIUSEPPE CACCIATORE & PAOLA VOLPE, <i>Il valore conoscitivo e metodologico del mito tra Plutarco e Vico</i>	141
F. JAVIER CAMPOS DAROCA, <i>El perro y el sabio: la recepción de Diógenes el Cínico en Plutarco</i>	157
JOLANDA CAPRIGLIONE, <i>Plutarque me charme toujours</i>	175
ANGELO CASANOVA, <i>La vela di Teseo e la tintura di Simonide</i>	187
SERENA CITRO, <i>Luomo pubblico tra l'interesse dello stato e i vantaggi personali. Pelopida, Alcibiade e Demade nei Regum et imperatorum apophthegmata</i>	201
JOSEP ANTONI CLÚA SERENA, <i>Notas para una edición de las Olímpicas de Píndaro de Francisco Patricio de Berguizas</i>	219
EMILIO CRESPO, <i>Las honras fúnebres en honor de los siete contra Tebas (Eurípides, Suplicantes, 794-954)</i>	229
JOSÉ ANTONIO FERNÁNDEZ DELGADO & FRANCISCA PORDOMINGO, <i>Anaskeuékataskeuék en Quaestiones conuiales de Plutarco: el mejor momento para el amor</i>	237
MARIA DO CÉU FIALHO, <i>O espaço do banquete como espaço de revelação de identidades: dois exemplos das Vidas Paralelas de Plutarco à luz do arquiteyto platónico</i>	251
GIUSEPPE FORNARI, <i>Il sacrificio in Plutarco: un medio-platonico alla ricerca della mediazione divina</i>	265
GUILLERMO GALÁN VIOQUE, <i>Plutarco en los escolios a la Antología planudea</i>	285
RAFAEL J. GALLÉ CEJUDO, <i>Algunas notas sobre el debate de la utilidad y la subjetividad en la elegía helenística</i>	311

FERNANDO GARCÍA ROMERO, Χαλκίζειν/χαλκιδίζειν. Sobre una paremia recogida en una colección paremiográfica atribuida a Plutarco	327
MARTA GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Plutarco, Quaest. Graec. 28: Tennes y Aquiles	339
HELENA GUZMÁN & JOSÉ MARÍA LUCAS, Las Mulierum virtutes de Plutarco: un testimonio destacado de la presencia plutarquista en los libretos de ópera	353
ÁLVARO IBÁÑEZ CHACÓN, Cifras y letras en la tradición manuscrita de los Paralela minora	371
MONTSERRAT JUFRESA, Un recuerdo de Plutarco en la novela "El curioso impertinente", de Miguel de Cervantes (El Quijote, I 33-35)	393
DAVID KONSTAN, Fire in the belly: A literary reading of Plutarch's Alexander	407
LUISA LESAGE GÁRRIGA, Plutarco y los fenómenos de iluminación y obscuración de la Luna	423
MERCEDES LÓPEZ SALVÁ, El "hombre divino" en Plutarco	439
ALFONSO MARTÍNEZ DÍEZ, Plutarco en Marcelino Menéndez Pelayo (correspondencia e Historia de las ideas estéticas en España)	453
JOSÉ LUIS DE MIGUEL JOVER, Polifemo y Nadie, el héroe y la fábula	469
ISRAEL MUÑOZ GALLARTE, El viaje del alma en la iconografía popular en el siglo XVI	489
GIOVANNA PACE, Usi e funzioni delle indicazioni numeriche nelle Vite di Plutarco	509
JOAQUIM PINHEIRO, Plutarco transmissor da Paideia e da Politeia: o tratado Ad principem indoctum	525

LUIS MIGUEL PINO CAMPOS, <i>Referencias de Plutarco de Queronea en textos griegos del siglo IV</i>	545
VICENTE M. RAMÓN PALERM & ANA C. VICENTE SÁNCHEZ, <i>En torno a un documento epistolar en la Vida de Alejandro (Plu. Alex. 19): análisis intertextual</i>	557
LUCÍA P. ROMERO MARISCAL, <i>La recepción de Plutarco en El rey debe morir de Mary Renault</i>	571
MANUEL SANZ MORALES, <i>Aticismo frente a koiné: algunas características de la morfología verbal de Plutarco</i>	587
GEMA SENÉS RODRÍGUEZ, <i>Bajo los augurios de la cigüeña: un recorrido por la descripción simbólica de la ciconia en los Hieroglyphica de Pierio Valeriano</i>	597
ALDO SETAIOLI, <i>Perché l'acqua dolce deterge meglio di quella salata (Plut. Quaest. conu. 1.9, 626E-627F; Macr. Sat. 7.13.17-27)</i>	617
FABIO TANGA, <i>Plutarco in America Latina, tra rivoluzioni e costruzioni eroico-biografiche: le Vidas para leerlas di Guillermo Cabrera Infante</i>	633
MARIANO VALVERDE SÁNCHEZ, <i>La historia de Camma: variaciones del relato en Plutarco y Polieno</i>	653
JOSÉ VELA TEJADA, <i>Construyendo un retrato histórico: relaciones dialógicas entre la Vida de Sila de Plutarco y Estrabón</i>	669
FERNANDO WULFF ALONSO, <i>Senderos apocalípticos del Mediterráneo a la India: el Mahābhārata</i>	685

VOLUMEN II

PARTE II: MITOS, RITOS Y RELIGIÓN

- VIRGINIA ALFARO BECH, *La obediencia de los hijos hacia los padres en las casas creyentes de la ciudad de Colosas* 715
- GIOVANNA BATTAGLINO, *Per una riflessione sulla teologia poetica sofoclea. Epiteti cultuali ed epiclesi di Zeus nelle tragedie superstiti di Sofocle* 735
- ALBERTO BERNABÉ, *Farsantes, iniciadores e intelectuales: la columna XX del papiro de Derveni* 751
- JOSÉ LUIS CALVO MARTÍNEZ, *Mitologización del pesimismo antropológico: Eva y Pandora* 769
- JOSÉ M. CANDAU, *Σῶμα ἀνταρκές: Tucídides y el discurso religioso* 785
- GONZALO DEL CERRO CALDERÓN, *La literatura apócrifa y la teología cristiana* 795
- FRANCISCO JAVIER FERNÁNDEZ NIETO, *Dioscuros, práctica del vaticinio y gemelos míticos (más la proyección cristiana de un motivo clásico)* 815
- JOSÉ GARCÍA LÓPEZ, *Dioses y hombres en la Odisea: por una relación normal* 851
- DAVID HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, *Oráculos y política en la Antigüedad tardía: Béroe y Roma en las Dionisiacas de Nono* 865
- ELENA LÓPEZ ABELAIRA, *La mujer y su vinculación a la casa en los primeros siglos del cristianismo* 881
- FRANCISCO MARCO SIMÓN, *El culto a Draco(nes) en el Occidente latino* 899

JORGE MARTÍNEZ-PINNA, <i>Los prodigios del tirano: las señales de la caída de Tarquinio el Soberbio</i>	915
LAUTARO ROIG LANZILLOTTA, <i>Ciencia y religión en la cosmología antigua: el caso del Corpus Hermeticum y de la biblioteca de Nag Hammadi</i>	929
GIULIA SFAMENI GASPARRO, <i>Il culto di Anubis nel mondo ellenistico-romano: per una interpretazione del suo ruolo nella "famiglia isiacca"</i>	957
PARTE III: MAGIA, ASTROLOGÍA Y ADIVINACIÓN	
RAÚL CABALLERO SÁNCHEZ, <i>¿Por qué llama el Comentarista anónimo ó παλαιός a Tolomeo?</i>	981
ESTEBAN CALDERÓN DORDA, <i>Génesis, implantación y traducción de una lengua científico-técnica: a propósito de la lengua de la astrología</i>	995
SALVATORE COSTANZA, <i>Elementi di melotesia nella divinazione greca</i>	1015
VÉRONIQUE DASEN, <i>Magical milk stones?</i>	1035
ALFONSO CARLOS DOMÍNGUEZ-ALONSO, <i>La paráfrasis autógrafa de Isaac Argiro al Comentario anónimo al Tetrabiblos de Tolomeo. Algunas cuestiones sobre su autoría</i>	1049
MANUEL GARCÍA TEIJEIRO, <i>El anillo mágico del Gran Tamorlán</i>	1061
RICHARD L. GORDON, <i>Dynamics of invocation in the Magical Papyri: The example of Klaudianos Selēniakon (PGrMag VII 862-918)</i>	1077
DORIAN GIESELER GREENBAUM, <i>A folio in Greek on Abū Ma 'Shar's Lots: Parisinus Graecus 2381, fol. 71v</i>	1095

FLOR HERRERO VALDÉS, <i>Himnos mágicos griegos: características y estructura</i>	1111
WOLFGANG HÜBNER, Ποιμένος σχῆμα / Figura Pastoris: <i>Die Suche der griechen nach dem Polarstern</i>	1129
MIRIAM LIBRÁN MORENO, <i>La magia en Babiloníacas de Jámblico</i>	1155
NEREA LÓPEZ CARRASCO, <i>Elementos mágicos y astrológicos en la iconografía de tres amuletos planetarios consagrados a Venus-Anael (Museo Arqueológico de Madrid)</i>	1173
JUAN LUIS LÓPEZ CRUCES, <i>Cavilaciones de astrólogos (Cerc., Mel. I, 28-30 Livrea = I, 67-68 Lomiento)</i>	1193
AMOR LÓPEZ JIMENO, <i>Maldición de una citarista de Eretria</i>	1209
MARÍA PAZ LÓPEZ MARTÍNEZ & CONSUELO RUIZ-MONTERO, <i>Magia y erotismo en la novela griega: P. Oxy. 4945 de las Feniciacas de Loliano</i>	1223
CRISTÓBAL MACÍAS VILLALOBOS & DELIA MACÍAS FUENTES, <i>Eclipses, astronomía y astrología en el mundo antiguo</i>	1251
JUAN FRANCISCO MARTOS MONTIEL & MARINA MARTOS FORNIELES, <i>Notas críticas a Vetio Valente, Antologías II 37, 17</i>	1277
ATTILIO MASTROCINQUE, <i>Ialdabaoth' boat</i>	1289
ANTONIO MELERO BELLIDO, <i>La magia de los sátiros</i>	1305
SANTIAGO MONTERO, <i>La astrología en la Hispania romana: un estado de la cuestión</i>	1319
SABINO PEREA YÉBENES, <i>En el gabinete de un mago: cómo fabricar un cráneo que profetice (Hipólito, Philosophumena IV 41)</i>	1353

VICTORIA E. RODRÍGUEZ MARTÍN, <i>El gato: su simbología ritual y su relación con la magia y la astrología a través de los Hieroglyphica de Pierio Valeriano</i>	1365
EMILIO SUÁREZ DE LA TORRE, <i>Erotic magic in action: The passion of Theodoros for Matrona</i>	1383
MARCELLO TOZZA, <i>El elemento mágico en la esfera cultural prehelénica</i>	1409
TABVLA GRATVLATORIA	1419

